

9

Resumo

Este texto demonstra a relevância dos tempos festivos na constância do ritmo social e desencadeia uma breve reflexão sobre a forma como o tempo de suspensão proposto pela pandemia COVID-19 coexiste com o tempo cronológico que assinala o progresso e a passagem do tempo. O capítulo analisa de forma breve a experiência do cancelamento da festividade de São João de Sobrado e destaca como, em resposta à imposição de cancelamento da festa, a comunidade de Sobrado respondeu *fazendo* o tempo da não-festa, isto é, celebrando o momento da festa (o dia da festa) recorrendo a diversas estratégias que incluíram a simulação, representação, rememoração e projeção.

Palavras-chave

Tempo; Festa; Ritmo; Não-Festa; Intervalo

A URGÊNCIA DOS RITMOS FESTIVOS: ANÁLISE A PARTIR DO CASO DE S. JOÃO DE SOBRADO

DOI
10.15847/CIES2020TEMPOSUSPENSO

Authors/Autores

**Emília Araújo, Alberto Fernandes
& Rita Ribeiro**

Universidade do Minho
Portugal

Introdução

As festividades populares são marcadores temporais. Pontuam o tempo. Geram momentos de excecionalidade; são intervalos. Provocam suspensão do ritmo normal pelo qual se articulam os tempos dos grupos e dos indivíduos. Os estudos do tempo e dos ritmos nas sociedades agrárias mostram que a vida em sociedade funciona na base de alternâncias entre tempos fracos e tempos fortes (Durkheim: 1968). Nestes, incluem-se as festividades populares que celebram santos e que são organizadas todos os anos. Para Norberto Guarinelo (2001), a festa implica uma estrutura de produção singular, que congrega diversos esforços coletivos e articula-se em torno de “um objeto focal” (2001:971). A festa é produtora de identidade, ao mesmo tempo que é produzida por ela, intersetando-se intimamente com o tempo passado e o horizonte futuro dos coletivos que as celebram, preservam e reconfiguram ao longo do tempo.

De facto, as festas populares acontecem nos meses que correspondem aos ritmos de verão, que coincidem com o encerramento dos ciclos do tempo escolar e do tempo de trabalho (para a maioria) e abrem o início do tempo livre e de lazer, ou também, tempo de férias e ócio. Por outras palavras, meses que celebram o início de tempos fortes, inscritos no calendário, que realizam a potência do tempo acumulada ao longo do ano, pelos quais se espera e em relação aos quais se definem planos e geram expectativas. A festa, enquanto ritual, repete-se dentro de uma ordem de periodicidade. Consolida as relações sociais, confere-lhes significado e é esse o ritmo que explica a experiência coletiva de um tempo social dominante. Além disso, ainda enquanto ritual, inscreve por si própria a ação num tempo diferente, extraordinário, o que faz da repetição essencial à existência de ritmo “[in] the course of which interested parties can imagine themselves elsewhere: as being absent, not present in the presentation” (Durkheim, 1968:39).

Neste texto pretende-se discutir como o cancelamento das festas de caráter popular e religioso que tem ocorrido em Portugal em virtude da pandemia COVID 19 representa uma arritmia com impacto para as comunidades, traduzindo-se na disrupção da estrutura simbólica do tempo para a comunidade¹. Analisa-se, em concreto, a festividade de S. João de Sobrado, conhecida por *Bugiada* e *Mouriscada*.

Nota metodológica

O texto é parte integrante de um projeto de investigação² desenvolvido na localidade de Sobrado, cujo objetivo é prover um estudo etnográfico da festa de S. João, também conhecida por *Bugiada* e *Mouriscada de Sobrado*. Neste sentido, analisa informação recolhida nos últimos três anos através de pesquisa etnográfica, incluindo entrevistas, registos audiovisuais e outros. Especificamente para este texto foi usada informação recolhida, a partir do momento em que foi decretado o Estado de Emergência, em 19 de março de 2020.

Destaca-se o uso de três fontes de informação principais:

- i) a observação realizada por membros da equipa e autores do texto no terreno antes e no dia da (não) realização da festa – dia 24 de junho;
- ii) observação e análise dos textos, men-

sagens e debates que decorrem no espaço das redes sociais, desde o momento em que os ajuntamentos começaram a ser proibidos, o que prenunciava a não realização da festa e

iii) estudos prévios realizados por membros da equipa do projeto e outros, sobre a festividade da *Bugiada* e a localidade de Sobrado.

O texto, pelo tipo de informação empírica que mobiliza, tem um caráter reflexivo e exploratório que se pretende aprofundar numa fase posterior, através da sistematização e ordenação cronológica das ações desencadeadas pela comunidade e nas quais esta se envolveu, desde o início da pandemia.

A festa e o ritmo social

De acordo com Teixeira (2010: 20), “o sentido mais pregnante da festa nasce da sua relação com o tempo”. A festa irrompe num tempo específico em que se dá uma inversão da ordem social vigente e, mediante regras muito próprias que obedecem a processos rituais mais ou menos complexos, se (re)estabelece uma estrutura e um novo tempo social. Tempo, festa e ritual formam, assim, três dos principais vértices da vida social e individual nos agregados sociais (Durkheim, 1968: 67).

Grande parte das abordagens teóricas sobre o tempo social consideram os contributos

¹ Assume-se, desde já, a fragilidade no uso do termo, a ser usado de forma isolada, uma vez que, em grande parte, a comunidade de que falamos, entendida no sentido de Ferdinand Tönnies (1973), enquanto grupos que partilham de uma identidade própria e cuja dinâmica relacional é tomada como adquirida e, também, no sentido de Zygmunt Bauman (2003), ou que partilham algo em comum, se cruza cada vez mais com a “sociedade” (Tönnies, 1973).

² Festivity - Festa, património cultural e sustentabilidade comunitária. Investigação e comunicação no caso da *Bugiada* e *Mouriscada de Sobrado*, financiado pelo Programa COMPETE e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/COM-CSS/31975/2017). <http://www.festivity.pt/>

de Durkheim, por este entender que o tempo social resulta da recorrência de diferentes momentos e periodicidades (Gell, 1996; 2014). Ou seja, alternâncias, entre tempos fracos e tempos fortes que se sucedem e repetem dentro de uma estrutura dominante. Os tempos fortes que traduzem os momentos de maior significado para a comunidade (que identifica como sagrados) e os tempos fracos que traduzem o tempo normal. É a sua alternância cíclica que institui a noção de ritmo. Com efeito, Durkheim afirma que “un calendrier exprime le rythme de l’activité collective en même temps qu’il a pour fonction d’en assurer la régularité” (1968 : 21).

Sue, também na linha de Zeruvabel (1985), explica que os tempos sociais são estruturas que condicionam a atividade social e produzem os tempos “dominantes”. Ou seja, os tempos *pivot*, em redor dos quais se organizam todos os outros, numa determinada sociedade e num certo momento histórico (1993: 64). Segundo Sue, um tempo é dominante quando corresponde à maior parte do tempo de vida; quando congrega os valores principais de uma sociedade; é a principal fonte de hierarquização social; corresponde ao principal modo de produção e está na base das representações de tempo (1993: 65). Por um lado, esta interpretação ajuda-nos a perceber a relevância que têm os tempos de lazer e de festa, face aos tempos dominantes de produção e de trabalho nos grupos sociais. Por outro lado, permite-nos estabelecer que o tempo da festa se agrega ao tempo produtivo da comunidade, funcionando nesta duplicidade, como tempo dominante, em redor do qual se organizam os tempos e os ritmos dos seus membros e das instituições.

É possível afirmar que a festa é, desse ponto de vista, uma estrutura de tempos sociais, definida, como afirma Sue, a partir de dois níveis: i) os tempos que reúne são diversos, mas interdependentes; ii) ao reunir os

diversos tempos sociais, permite estabelecer quais são os pontos e os elementos de mudança e persistência. Sob este paradigma, o tempo da festa representa, perante o tempo estrutural da comunidade, um tempo (ou micro tempo) extraordinário, que produz significado a cada comunidade e aos seus membros. Este carácter extraordinário do tempo não está necessariamente apenas ligado ao sagrado ou místico. A efervescência festiva que traduz, entendida segundo o alinhamento de Mauss (1904), Hubert e Mauss (1905) e Balandier (1980) autoriza a desordem e a inversão, e ao mesmo tempo a excitação e a quebra de monotonia do tempo normal (Elias, 1994), ou a celebração e a renovação que os rituais sempre prometem.

A festa incorpora três tempos estruturantes: i) o tempo anual da sua preparação e que exige diversas movimentações na comunidade, entre as quais a atribuição de papéis na festa e a geração de expectativas; e ii) o tempo do dia da festa que transporta, igualmente, um determinado ritmo e iii) o tempo da comunidade que se alimenta daqueles dois, uma vez que o tempo do acontecimento da festa é um tempo de ritual, ao mesmo tempo extraordinário, diferente e efervescente, mas também repetitivo, reproduzidor da ordem e agente de estabilidade. Nesta perspetiva, ainda que seja um tempo que se repete (cíclico), é um tempo que estrutura o tempo histórico e linear da comunidade e que é sempre diferente do anterior. Por isso, é um tempo pelo qual a comunidade aspira e pelo qual espera, pelo menos o mesmo tempo que dura o ciclo (um ano). O tempo da pandemia COVID-19 interferiu com todos estes tempos, limitando a sua revelação porque provocou o que Lefebvre (2003) designa de arritmia no ritmo dominante das comunidades, deixando revelar a importância que o tempo da festa tem enquanto estrutura (Boudon citado por Sue, 1993: 64).

Efeitos da COVID-19 sobre os ritmos sociais e o lugar das festas

Henry Lefebvre (2003) escreveu entre os anos 80 e 90 do século XX e, em parte, em coautoria com Catherine Reguliér, um conjunto de ensaios sobre o ritmo e, principalmente, sobre a sua capacidade heurística de revelar e fazer falar sobre a experiência da vida. Os seus escritos incorporam vários alinhamentos feitos antes, a propósito do tempo e do espaço, nomeadamente por filósofos, entre os quais Gaston Bachelard; ou por historiadores, como Fernand Braudel.

O que tem de particular o seu ensaio é chamar-nos a atenção para o ritmo como qualidade intrínseca da vida (perspetivada a partir do corpo, dos processos, das instituições) e também para a relevância da eventualidade dos ritmos poderem ser sujeitos a pressões que os destabilizam e fazem entrar em rutura. Lefebvre apoia-se na análise minuciosa do tempo da música, para sustentar a existência de múltiplos ritmos sociais (polirritmia) que, quando combinados e interdependentes, perfazem o que é a eurritmia do corpo social e que corresponde à estabilidade e à sequência temporal não patológica. Ao invés, a arritmia significa que os ritmos estão desencontrados e alguma força externa pode ter afetado o tempo de algum dos ritmos.

Partindo do pressuposto de que os poderes públicos e, em geral, quem toma decisões políticas, têm capacidade para intervir e manipular os tempos e os ritmos, é sustentável adiantar como hipótese que a pandemia COVID-19 e a forma como está a ser objeto de ação política, são agentes de profunda arritmia social que altera as representações, as significações e, em sequência, as atitudes e as ações em relação ao tempo, com os outros e com o mundo.

Esta assunção torna-se ainda mais robusta,

se admitirmos, com Durkheim, que a categoria tempo tem origem no ritmo da vida social (Lefebvre, 2004: 28). Com efeito, a pandemia COVID-19, desde o momento em que começou a ser encarada como tal, acarretou um número infindável de “anomalias” nos diversos ritmos que compõem a vida social, provocando diversos tipos de dessincronização, com repercussões nos ritmos bio fisiológicos, afetando os sujeitos a nível psicológico e social.

O cancelamento destas festas populares e de carácter religioso corresponde a uma arritmia social de enorme significado, devido a três razões, todas elas remetendo para uma pluralidade de tempos:

- i) acontece justamente no tempo de maior efervescência social, quando as sociedades se prepararam para a mudança radical de ritmos (não obstante permanecerem muitos outros ritmos que se combinam mais ou menos articuladamente durante este mesmo tempo);
- ii) em Portugal representam um número elevado de eventos, atendendo a que praticamente cada localidade celebra a “sua” festa e esta, por norma, corresponde ao “seu” santo padroeiro ou patrono;
- iii) o setor cultural em geral, a que se associa o turismo representa um número elevado de postos de trabalho, ainda que sazonais. Por isso, a suspensão e o cancelamento das festividades agendadas para o tempo de verão provocaram desemprego, baixa de rendimentos e o reagendamento de tempos livres e de lazer.

No momento em que a COVID-19 passou a ser classificada como pandemia de alto risco, o cancelamento das festas, quando comparado ao cancelamento e à suspensão que

se registaram em relação a outras atividades e eventos, foi, em geral, entendido como óbvio e natural pela população. No entanto, a questão do cancelamento de eventos de caráter religioso e popular é complexa; basta que tenhamos em conta as controvérsias mediáticas e políticas geradas em redor das justificações e da legitimidade na celebração do 25 de abril, no Parlamento, da festa do “Avante” e da suspensão das festividades religiosas, em maio, em Fátima. De facto, a pandemia põe em relevo o conflito entre dois tempos estruturais: o laico e o religioso e sagrado. Tal como historiadores demonstraram para o contexto português, foram várias as pandemias que atravessaram o tempo histórico (Almeida, 2014). Nessas, ao contrário do domínio do tempo tecnocientífico, assistira-se ao domínio dos tempos dos ritmos religiosos que, em épocas de devastação, contágio e morte, permaneceram constantes, ou saíram reforçados, atendendo às crenças que explicavam as pandemias como castigos divinos (Faustino, 2020; Paiva, 2020; Mesquita; 2020)³.

A pandemia instalou várias arritmias nos ritmos sociais normalizados e implicou renegociação dos tempos de culto e dos tempos sagrados, face aos tempos e ritmos ditados pela conceção tecnocientífica da doença. A literatura tem analisado, de modo especial, como se produzem e que significado têm estes ritmos normalizados e como são vividos e percebidos pelos indivíduos e pelas comunidades (Gell, 2014; Adam, 1990; Bergmann, 1992), mas num momento de arritmia emergencial como o que caracteriza atualmente a vida de forma global, importa entender como está a sociedade a responder a estas arritmias que se sucedem umas às outras,

que sentidos constroem sobre as mesmas e que postura desenvolvem perante elas.

Assim, o texto debruça-se no ponto seguinte sobre a relevância dos impactos sobre as celebrações festivas que têm caráter popular, religioso e cíclico e pretende, a partir da análise do caso de S. João de Sobrado, debater como a comunidade lidou com o cancelamento da festa e de que modo essas estratégias traduzem a importância da festividade no tempo e no ritmo da própria comunidade.

S. João de Sobrado: o cancelamento

A festa de S. João é uma das primeiras grandes festas do período que liga o fim da primavera ao início do outono e corresponde, na esteira do que Marcel Mauss preconizara para os Eskimós (1904), ou Evans-Pritchard (1940) para os Nuer, aos dias mais longos e quentes, convidativos à dispersão e à saída de casa; à diversão e à procura do encontro com os outros, a formas gregárias de ocupação do tempo e do espaço. É uma manifestação popular que reúne “elementos análogos aos de outras festividades com grande relevância e lastro histórico” (Pinto, e outros, 2016). A festa estrutura-se na base de uma lenda que relata a luta entre mouros e cristãos pela posse de uma imagem milagrosa de São João Baptista. A festa principal ocorre durante o dia 24 de junho, mas antecede-na uma série de atividades preparatórias e os arraiais nas noites anteriores ao dia de São João.

A festa da Bugiada e Mouriscada centra-se nas danças e representações da guerra entre Bugios (cristãos) e Mourisqueiros (mouros). Na formação dos bugios participam mais de

3 No “ano 1000” o historiador Georges Duby (2002) expressou-se sobre a força intrínseca da religião e da magia no modo das comunidades agrárias medievais entender o tempo cronológico e, neste caso, rezear e mistificar a viragem do milénio.

500 pessoas que dançam, mascaradas e trajadas a rigor, pelas ruas da freguesia (Pinto, e outros, 2016). Inclui, ainda, cerimónias religiosas em honra a São João, assim como um conjunto de performances de natureza carnavalesca (Entrajadas, Dança do Cego, Lavra da Praça). A festa tem atraído um número crescente de visitantes e está assinalada como uma marca identitária do concelho de Valongo.

Em Sobrado, a organização da festa é atribuída a uma comissão de festas que se constituiu, anualmente, com aquele propósito. Para além da comissão, têm um papel importante a Associação Organizadora da Casa do Bugio e das Festas de S. João de Sobrado e a Câmara Municipal de Valongo. Diferentemente do que aconteceu noutras localidades onde se realizariam festas de S. João no mesmo dia, como Porto e Braga, onde a população aceitara globalmente a ausência da festa, em Sobrado a decisão de cancelamento foi comunicada mais tardiamente. As entidades oficiais sabiam que a notícia não seria fácil de dar aos sobradenses. Foi necessário esperar mais algum tempo até se ter a confirmação da impossibilidade de realizar a festa.

A comunicação foi feita pela Comissão Municipal de Proteção Civil de Valongo através de comunicado no dia 17 de abril, onde se refere que estavam suspensas e canceladas “todas as atividades ou festividades previstas para o concelho (religiosas ou não) e em todas as freguesias, até ao final do ano”. A seguir, a 18 de abril, a Casa do Bugio selou o cancelamento da festa com uma mensagem na rede Facebook:

A Casa do Bugio (...) vem por este meio comunicar com grande tristeza e desolação que foi determinada a suspensão das grandiosas festas de S. João de Sobrado 2020⁴.

Finalmente, a 19 de abril, a comissão de festas, também através da mesma rede social, replicou o cancelamento, embora assegurando a continuidade de alguns eventos, cujos fundos reverteriam para a organização da festa. A comunidade de Sobrado entrou, então, num tempo trágico e depressivo causado pela ausência da festa. Na página da Casa do Bugio pode ler-se que:

*A tristeza tomou conta dos Sobradenses, especialmente em maio e inícios de maio, nas semanas em que a nossa vila já fervilharia com os ensaios e os últimos preparativos para a festa. Ninguém pensaria, jamais, viver uma situação como esta, mas era pelo bem comum*⁵.

2020: O ritmo e o tempo da não-festa

A Proteção Civil de Valongo, concelho a que pertence Sobrado, tinha imposto um outro ritmo à festa, ao decretar o seu cancelamento, no seguimento da temporalidade emergencial e institucional em vigor. Mas, a partir do momento em que a festa ficou oficialmente cancelada, começaram os preparativos para a celebração da não-festa no dia 24 de junho, ou seja, a marcação do dia festivo, ainda que sem qualquer possibilidade de realização das várias performances que compõem a festa.

A comissão de festas lançou o pedido para o envio de fotografias e frases sobre a festa através da sua página no Facebook sob o

4 <https://www.facebook.com/casadobugio/>

5 <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2020/06/28/historia-o-ano-em-que-nao-houve-sao-joao-de-sobrado/>



Imagem 1/

Detalhe da bugiada, momento inicial da festa. Autor: Luis Santos (2016).

lema “a dança não para!!”, visando “encher o facebook de memórias da nossa grandiosa festa São João de Sobrado”. O Município de Valongo, através do Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, lançou um desafio destinado aos mais novos pedindo que as crianças pintassem desenhos alusivos à festa. O tempo da festa tradicional “congelou” em Sobrado, mas multiplicou-se em pequenos signos ínfimos nas casas, nos cafés e em alguns dos lugares mais emblemáticos da festa, onde o ato e o ritual da festa deram lugar às narrativas e às trocas do passado recordado e do futuro imaginado da festa. No dia 24 de junho, a comunidade não estava no palco da festa – as ruas e os caminhos de Sobrado – mas as varandas e janelas ornamentaram-se para mostrar a singularidade do dia da Bugiada e da Mouriscada: os trajes que não puderam ser vestidos para dar forma

ao ritmo do tempo da festa, serviram para mostrar vivo o ritmo da comunidade, ainda que de forma simbólica. No dia 24 de junho, em vez dos aglomerados de pessoas vestidas e investidas das personagens – bugios, mourisqueiros e participantes das Entrajadas – e preparadas para o tempo do ritual onde música e dança são elementos estruturantes e asseguram a passagem do dia e do ano (novo ciclo), o espaço e o tempo de Sobrado suspenderam-se. Sucederam-se os tempos intermináveis de espera e de expectativa em relação à chegada de quem ousasse pisar os lugares, de um ou de outro modo. Diz-se no sítio eletrônico da comissão de festas:

Às 13h00 ainda eram algumas as pessoas ao longo da Rua de São João de Sobrado. “São horas e eles sem vir”. Foi o momento mais sebastianista

que Sobrado alguma vez terá vivido. Esperava-se por algo. Mas nada aconteceu. Em algumas casas e ruas dançou-se o São João, sem fardas, com o mesmo entusiasmo, mas não da mesma forma. Foi desolador.

Paulo Ferreira escreve na sua página Facebook, recordando a sua participação numa das festas passadas:

Não sei se choro, se rio ou se berro...A ficha realmente ainda não caiu, gostava de poder imaginar que tudo isto não passou de um grande pesadelo. Só queria poder voltar a sentir o friozinho na barriga logo de manhã.... Queria vestir a farda, ouvir os guizos, colocar a máscara e entrar num mundo totalmente diferente!⁶.

Mas, no silêncio da ausência da festa, impôs-se a celebração da não-festa. Em vez de ruas repletas de milhares de visitantes que acodem ano a ano para ver a festa, as redes sociais foram o espaço de desabafo sobre o passado da festa e a necessidade de engendrar uma forma de a manter presente no dia 24 de junho de 2020, através da celebração dessa não-festa. É certo que a festa não se realiza, mas a textura “quente” do tempo irrompe na constituição da não-festa que repete a forma temporal da “original”, para que esta se mantenha, para que faça marca na história da festa que é a história da comunidade. Tal como afirma Lefebvre, a repetição provoca a impressão de monotonia e mesmidade no ritmo, mas é a repetição que esculpe o ritmo e o ritmo é o tempo da comunidade (Lefebvre, 2004: 73).

A comunidade juntou-se de formas alternativas para marcar o tempo da festa e imprimir-lhe um outro ritmo.

A não-festa é também vivida como tempo suspenso, o tempo em que a festa não acontece na sua plenitude, mas existe e, de algum modo, celebra-se na tragédia da sua impossibilidade. “Este ano não há a que tirar fotografias”. Assim se referia um dos turistas apanhado desprevenido pelo cancelamento da festa, ou incrédulo perante tal acontecimento. No dia 24, o dia da “nossa maravilha”⁷, criaram-se se espaços-tempos de festa, alguns disseminados através das redes sociais. Outros que alimentaram a impressão da festa presente, numa iniciativa nomeada pela Cada do Bugio como “Formas de assinalar o dia de São João e manter viva a tradição”.

Segundo Sue, o tempo é um revelador, antes de ser um analisador (Sue, 1993: 71). No caso de Sobrado, parte da comunidade participou do ritual festivo composto pelas celebrações religiosas em honra de S. João, para “fazer o tempo” da festa e tornar o “dia” significativo. A estrutura espontânea do tempo no dia da festa revelou a ligação da comunidade ao tempo sagrado e aos rituais religiosos. Interessantemente, a celebração da não-festa, que ganha intensidade dramática no tempo crítico que medeia a preparação imediata da festa durante o qual se realizam os ensaios (normalmente com início em maio), pôde produzir-se num ritmo heterótipo peculiar: o tempo em que decorria o concurso das “7 Maravilhas da Cultura Popular de Portugal” a que a festa da Bugiada e da Mouriscada de Sobrado era candidata. A observação direta e a observação da dinâmica relacional nas redes sociais dão conta da efervescência do

⁶ <https://www.facebook.com/cdbugiadamouriscada/>

⁷ <https://www.facebook.com/cdbugiadamouriscada/>

ritmo produzido na experiência da não-festa, unindo a comunidade na votação para eleger “a nossa maravilha”.

A não-festa realizou-se de múltiplas formas e, no dia 24, tiveram lugar as cerimónias religiosas – missa, breve procissão e cumprimento de promessas - como se descreve num site sobre a festa de Sobrado⁸:

Para espanto de muitos, foram os mourisqueiros (sem farda) que carregaram o andor florido de São João de dentro da igreja para o adro. A missa foi bonita, mas faltava algo. Depois da comunhão, todos certamente estariam a pensar quando os mourisqueiros iriam entrar, como faziam todos os anos, para roubar o santo. Nada aconteceu. Reinou apenas um silêncio longo e ensurdecido apenas suplantado pelo toque dos sinos que a muitos assustou.

Tudo indica que a comunidade use este tempo de intervalo provocado pela pandemia, e que corresponde à celebração da não-festa, para refletir sobre a festa e sobre si mesma (Comissão de Festas, 2020) e pensar o “futuro”, o “ano que vem”, o “próximo ano”, porque “Para o ano há mais! Que passe rápido!”. Na esteira de Adam (1990: 138), pode-se afirmar que, ao definir o tempo cíclico, em Sobrado a pandemia acelerou a necessidade de a população rever os seus horizontes temporais que estão “para além dos ciclos naturais das estações” (Adam, 1990: 138). Como se lê na mesma webpage:

Que este ano seja um ano de preparação e de reflexão. Que se faça a reflexão sobre a festa e que se melhore alguns aspetos, pois tempo temos de

sobra e vontade também. E que se prepare o futuro da festa, quer para 2021 como também para os anos vindouros, para que o São João de Sobrado seja uma maravilha de Portugal e uma festa reconhecida em todo o país.

Essa expectativa é, ela própria, um elemento temporal estruturante que agrega, ainda que de modo inconsciente, e alquímico, os diversos ritmos e tempos que a vida social moderna institui num ritmo duplamente sagrado e profano, tanto passado, como presente – tal como se a comunidade permanecesse a “mesma” do passado. O cancelamento da festa revelou ainda mais profundamente, e como se pode observar pelas reações manifestas nas redes sociais – tomadas como espaços públicos de confissão e desabafo – a importância desta festa para a comunidade, num tempo histórico marcado por severas mudanças que vão constringendo, de modo diversificado, os ritmos da comunidade e os tempos da festa.

Nota conclusiva

O objetivo principal do texto consistiu em demonstrar como o tempo da pandemia COVID-19, que, a pouco e pouco, suspende certos ritmos e institui outros, interfere ativamente na estrutura dos ritmos sociais das comunidades, cujos calendários continuam bastante associados aos tempos das festividades populares e de carácter religioso. A análise aos tempos da festa de S. João de Sobrado, sob a perspetiva da antropologia e da sociologia do tempo, permite corroborar aquela hipótese, mas de forma relativizada. De facto, o cancelamento da festa não anulou a sua celebração. A marcação do tempo envolveu os habitantes de Sobrado num conjunto de práticas que visaram fazer a festa

⁸ <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2020/06/28/historia-o-ano-em-que-nao-houve-sao-joao-de-sobrado/>

repetir-se, ainda que como não-festa, no ano 2020. A pesquisa realizada, que teve em consideração a análise dos conteúdos partilhados e que circulam nas redes sociais, nomeadamente de entidades que têm um papel ativo na organização e promoção da festa, permitiu concluir que o cancelamento da festa em virtude da COVID-19 potenciou dois fenómenos novos. Primeiro, a celebração da não-festa, através de várias iniciativas que envolveram a comunidade e que são, em parte, idênticos aos que ocorrem com a celebração da festa e envolveram a sua rememoração. Com efeito, a festa que se realiza hoje em Sobrado – e o mesmo pode ser admitido para outras festas do mesmo género – é já ela uma mistura entre o sonho do seu próprio passado e das possibilidades efetivas da sua realização no presente (Lemieux, 1966), isto é, hoje a comunidade reúne todo um conjunto de traços que a categorizam dentro do mesmo padrão de vida das sociedades pós-modernas, digitais e globalizadas. Segundo, a experiência da não-festa como tempo suspenso, ou seja, um tempo que liga um ano anterior (2019) a um ano posterior (2021), inclui 2020 como ano intervalo, que corresponde ao envolvimento da comunidade em maneiras de fazer tempo, para criar a impressão de passagem do tempo, “o mais rápido possível”.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020

Referências

- Adam, Barbara (1990), *Time and social theory*, Oxford, Oxford University Press.
- Almeida, Maria Antónia Pires de (2014), “As epidemias nas notícias em Portugal: cólera, peste, tifo, gripe e varíola, 1854-1918”, *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, vol. 21, nº 2, pp. 687-708.
- Associação de Festas de São João de Braga (2020), “Cancelamento das festas de São João de Braga 2020”, em *São João de Braga*, consultada a 12/05/2020, em <https://www.saojoaobraga.pt/2020/03/30/cancelamentosaojoao2020/>.
- Bauman, Zygmunt (2003), *Comunidade, a busca por segurança no mundo atual*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- Bergmann, Werner (1992), “Time and social theory: towards a social theory of time”, *Time & Society*, vol. 1, pp. 421-454.
- Casa do Bugio (2020), “A Casa do Bugio, seguindo as recomendações (...)”, em *Página do Facebook da Casa do Bugio*, consultado a 00/00/2020, em <https://www.facebook.com/casadobugio/posts/836092673571136>.
- Durkheim, Émile (1979), *Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Elias, Norbert (1997), *Du temps*, Paris, Fayard.
- Evans-Pritchard, Edward Evan (1940), *The Nuer*, Oxford, Claderon Press.
- Balandier, George (1980), *O poder em cena*, Brasília, Universidade de Brasília.
- Faustino, José Alfredo (2020), O impacto da pneumónica em Chaves, em Antero Ferreira (coord.), *A gripe espanhola de 1918*, Guimarães, Casa de Sarmiento – Centro de Estudos do Património, pp. 85-116.
- Gell, Alfred (2014), *Antropologia do tempo*, Rio de Janeiro, Vozes.
- Gell, Alfred (1996), *The Anthropology of Time. Cultural Constructions of Temporal Maps and Images*, Berg, Oxford.
- Guarinelo, Roberto Luiz (2001), “Festa, trabalho e cotidiano”, em Jancso Iris Kantor (orgs.), *Festa, Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa*, Brasil, Camara Brasileira do Livro, pp. 969-978.

- Hubert, Herbert, e Mauss, Marcel (1905), “*Étude sommaire de la représentation du temps dans la religion et la magie*”, consultado a 07/05/2020, em http://classiques.uqac.ca/classiques/mauss_marcel/melanges_hist_religions/t4_temps/temps.html
- Lefebvre, Henry (2003), *Rhythmanalysis - Space, Time and Everyday Life*, London, Continuum.
- Lemieux, Denise (1966), “Le temps et la fête dans la vie sociale”, *Recherches sociographiques*, vol. 7, n° 3, pp. 281-304.
- Mauss, Marcel (1904), “*Essai sur les variations saisonnières des sociétés eskimo. Étude de morphologie sociales*” consultado a 08/05/2020, em http://classiques.uqac.ca/classiques/mauss_marcel/socio_et_anthropo/7_essai_societes_eskimos/essai_societes_eskimos.html
- Mesquita, Marcos (2020), “Travar a Doença : reflexão da política de saúde pública e impacto da gripe espanhola em Braga (1918-1919) ” em Antero Ferreira (coord.), *A gripe espanhola de 1918*, Guimarães, Casa de Sarmiento – Centro de Estudos do Património, pp. 211-226.
- Município de Valongo (2020), “Bugiada e Mouriscada”, em *Município de Valongo*, publicado a 12/05/2020, consultada a 09/05/2020, em <https://www.facebook.com/watch/?v=581273149181621>.
- Município de Valongo (2020), “Bugiada e Mouriscada de Sobrado candidata às 7 Maravilhas da Cultura Popular”, em *Município de Valongo*, publicado a 09/05/2020, consultada a 09/05/2020, em <https://www.facebook.com/municipiodevalongo/posts/3043372975726246>.
- Paiva, Odete (2020), “A “influenza” pneumónica no interior centro do país pelo olhar do jornal A Guarda”, em Antero Ferreira (coord.), *A gripe espanhola de 1918*, Guimarães, Casa de Sarmiento – Centro de Estudos do Património, pp. 251-266.
- Pinto, Manuel, e outros (2016), *Bugiada e Mouriscada de Sobrado: a festa como património*, em Marluce, Menezes, José, Rodrigues e Dória, Costa (Eds.), *Congresso Ibero-Americano Património, suas Matérias e Imatérias*, Lisboa, LNEC/ISCTE-IUL, s/p.
- Pinto, Fernanda (2020) 17 de abril, “COVID-19: Adiadas ou canceladas todas as festas que aglomerem pessoas em Valongo”, em *Verdadeiro Olhar* (17/04/2020), consultado a 09/05/2020, em <https://verdadeiroolhar.pt/2020/04/17/covid-19-adiadas-canceladas-todas-as-festas-aglomerem-pessoas-valongo/>.

- Pinto, Manuel (1983), *Bugios e Mourisqueiros – A Festa de S. João de Sobrado*, Valongo, Edição da Associação para a Defesa do Património Natural e Cultural do Concelho de Valongo.
- São João de Sobrado '20 (2020), “Em tempos de Covid-19”, em *São João de Sobrado '20*, publicado a 15/05/2020, consultado a 06/06/2020, em <https://www.facebook.com/saojoaosobrado19/posts/1365279283663112>.
- São João de Sobrado '20 (2020), “Comunicado”, em *São João de Sobrado '20*, publicado a 19/04/2020, consultado a 06/06/2020, em <https://www.facebook.com/saojoaosobrado19/posts/1343447742512933>.
- Sorokin, Pitrim, e Merton, Robert (1937), “Social Time: a methodological and functional analysis”, *American Journal of Sociology*, nº 42, pp. 615-639.
- Sue, Roger (1993), “La sociologie des temps sociaux : une voie de recherche en éducation”, *Revue française de pédagogie*, vol. 104 pp. 61-72.
- Teixeira, Joaquim de Sousa (2010), “Festa e identidade”, *Comunicação & Cultura*, vol. 10, pp. 17-33.
- Tönnies Ferdinand (1979), *Comunidad y asociación*, Barcelona, Ediciones Península.

